

**POSSO FALAR  
DO MEU PEQUENO  
MUNDO?**



**POSSO FALAR  
DO MEU PEQUENO  
MUNDO?**

**PAULO BERQUÓ**



*Editora Sulina*

Copyright © Paulo Berquó, 2023

**Capa e projeto gráfico**

Cintia Belloc

**Foto da capa**

Dudu Reffatti

**Revisão**

Simone Ceré

**Editor**

Luis Antonio Paim Gomes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

B532p Berquó, Paulo  
    Posso falar do meu pequeno mundo? / Paulo Berquó. –  
    Porto Alegre: Sulina, 2023.  
    88 p.; 14x21 cm.  
    ISBN: 978-65-5759-117-8  
    1. Literatura Brasileira – Crônicas. 2. Crônicas Brasileiras.  
    I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-94

CDD: B869

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

CEP: 90620-100 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Setembro/2023

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

“Quando eu me for e ao final louvar os amores necessários que tive à luz, jamais me esquecerei dos amores contingentes, que passaram na sombra, mas que nunca deixaram de viver em mim.”

**Simone de Beauvoir**



# Dedicatória

Registrar em livro estas histórias e reflexões é uma forma de eternizar o amor incomensurável pela minha mãe, que está presente em cada uma destas linhas. A mãe era uma escritora rara. Tinha um absurdo domínio das palavras, tanto ditas quanto escritas. Nunca publicou. Gostava mesmo era de fumar sentada numa poltrona enquanto soltava suas pérolas acerca da vida e seus acontecimentos. Verdadeiros poemas em prosa, líricos ou sarcásticos.

Costumava dizer que ia lançar um livro. Tinha escolhido até título: *Histórias que ninguém conta*. E dizia isso com um sorriso irônico e quase ameaçador de canto de boca.

As historinhas deste livro não são nada ameaçadoras. Meu *Posso falar do meu pequeno mundo?* é um livro de amor, bem como sempre foi o meu pequeno mundo.

Estendo esta dedicatória ao Paulo André, meu irmão talentoso e amado; ao João, que foi pai pra toda obra; e ao Sebastião, meu cunhado de concurso: pedaços arrancados do coração da gente na avassaladora pandemia da Covid-19.

E se é um livro de amor, não poderiam faltar nesta dedicatória o meu pai, o Flávio, e minha vó — cada um a seu modo, figuras fundamentais na minha história.

Finalmente, dedico-o a vocês que me leem nas redes sociais ou nas páginas da *Gazeta de Alegrete* e são cúmplices diretos nesta ousadia.

Por fim, o desejo de que estas histórias e reflexões aqueçam o coração da Tanira, do Paulo Amaro e da Elaine.

- 11 Mundo de um e de todos  
Cíntia Moscovich
- 13 Posso falar do meu pequeno mundo?
- 17 Recebi em vida
- 21 Sobre amor, respeito e valentia
- 22 O primeiro ano do resto da minha vida
- 24 "Viva L'Alegrete"
- 27 Do fim até o começo
- 28 Disneylândias não vão nos levar pro céu
- 30 O som do silêncio
- 32 Desayuno
- 34 Fragmentos de vida e o HD lotado
- 36 Era doce e se acabou...
- 38 A agonia
- 40 A ciclista
- 41 O paraíso
- 42 Parabéns tua formatura
- 44 Sem parâmetros
- 45 Me incluam nesse pranto
- 46 Os mais perigosos



- 47 Três almas para Deus
- 49 Onde anda minha cabeça?
- 51 Motivo de festa em nossos corações
- 52 As talibãs canudenses
- 55 A turma do Bar Brasil
- 57 O que o senhor é da dona Eni?
- 61 E nem sei fazer pudim
- 64 O tempo todo
- 65 A velhice é um caso sério
- 68 O Queno
- 69 O dia em que Alegrete praticou amor
- 70 O timoneiro do nosso barco
- 72 O mago Danilo
- 74 Feitio do Alegrete
- 76 Ruy e Nehyta
- 79 Da tristeza
- 80 O céu do Alegrete
- 81 Só sei ser eu
- 83 Sem título
- 84 Das saudades que gostamos de ter



# Mundo de um e de todos

Cíntia Moscovich

Não é novidade para ninguém: cada vez que uma pessoa fala de sua vida, fala também da humanidade de maneira geral — a vida de um é, afinal, a vida de todos. Aqui, neste delicioso *Posso falar do meu pequeno mundo?*, Paulo Antônio Berquó Farias se debruça sobre as histórias familiares, crônicas que resultam de um olhar oblíquo e absolutamente amoroso sobre os fatos que compuseram, e que ainda compõem, o folclore e os afetos desse clã alegretense.

Desde as encenações que juntavam os primos no pátio da antiga casa (e que tinham lá suas pitadas de melodrama mexicano), passando pela máxima demonstração do amor maternal, pela cena de um café da manhã num hotel (com iogurte voando para todos os lados) e desaguando na carreira de letrista de Paulo, *Posso falar...* é um exercício de memória mas não de nostalgia, porque há em todo o volume essa alegria maiúscula de identidade e de comemoração, embora muitos tenham já partido — prova inequívoca do quão importante é pertencer a um núcleo garantido pelos vínculos do afeto, esses que nunca morrem. Com o foco mantido em Lenira, a mãe que se foi recentemente — o rol de perdas na pandemia da família é impressionante —, o autor garante seu norte afetivo, sem perder de vista os demais personagens desse universo tão rico e variado.

Com um texto impecável, simples e direto, cheio de humor e pleno de aceitação daquilo que é incontornável, Paulo Antônio se lança à cena literária com maturidade e com segurança, abrindo espaço para falar de seu pequeno mundo, é certo, mas, ao mesmo tempo, convocando todos os mundos que trazemos, os que somos leitores, dentro de nós.